

SÃO TOMÉ DE PARIPE

PMS CPM GERIN

BIBLIOTECA

Jornal *Bahia Hoje*

Data *03/12/96*

Caderno *J* Página *4*

Seção

Assunto *Bairro*

I SÃO TOMÉ DE PARIPE

Moradores se queixam do isolamento em que vivem

Fábrica de cimento e até a presença de militares transformaram o bairro num ponto de difícil convivência

GIOVANNA CASTRO ♦ REPÓRTER

"De segunda a sábado, o bairro de São Tomé de Paripe é uma cidade do interior dentro da capital, aos domingos, vira cidade grande com tudo de ruim que isso possa trazer". A declaração do morador Atanásio Júlio reflete exatamente o perfil do bairro, que surgiu de uma fazenda pertencente à família do ex-vereador Benjamim de Souza, responsável inclusive pela construção do cais de São Tomé de Paripe, hoje invadido pelas barracas de praia, que prejudicam a paisagem, encobrimdo a bela visão do mar. Com a instalação da Base Naval de Aratu, em 1945, o bairro se transformou num reduto de visitantes e moradores ricos, que apareciam para veranejar. Naquele tempo, a base oferecia segurança, assistência médica e educação à população.

Nos idos de 1524, franceses e holandeses habitavam a área, que servia como uma espécie de quartel general, protegendo a cidade de eventuais invasores. Naquela época, os colonizadores construíam igrejas no alto dos morros que

envolvem a região, com o objetivo de vigiar a chegada de inimigos nas imediações. A 2ª Guerra Mundial trouxe um período de pleno desenvolvimento para os habitantes do local. As praias não ficavam sujas e os banhistas podiam desfrutar das belezas do mar sem perigo de assaltos ou receio de poluição.

O bairro abrigou, e ainda acolhe, figuras ilustres que aproveitam a tranquilidade de São Tomé para descansar nos finais de semana, em belas e espaçosas mansões. O Diretor do Hospital das Clínicas, em meados da década de 30, João Batista Carybé, de família tradicional na cidade, possuía uma chácara ali. Conservam residências por lá, há mais de 10 anos, o vice-prefeito eleito Marcos Medrado, o deputado estadual Cristóvão Ferreira, o deputado federal Roberto Santos, além do ex-vice-governador Orlando Moscozo, falecido recentemente, que também aproveitava a beleza do lugar.

Álvaro Silva Santos, presidente da Associação de Moradores de São Tomé de Paripe, lembra que depois da saída do

peçoal rico, o bairro decaiu. Assim que a fábrica de cimento foi instalada no local, retirando calcário (matéria-prima para seu produto) do fundo do mar, a poluição se espalhou e, o que antes era ponto de encontro de reuniões da alta sociedade e local privilegiado para diversão e lazer dos mais abastados, passou a ser habitado por pessoas de baixa renda. "As áreas verdes viraram invasões", observa o Presidente da Câmara Distrital do Subúrbio, Altino Arantes, acrescentando que o lugar deveria ser mais bem aproveitado para receber turistas.

Na medida em que o bairro de São Tomé caiu, Paripe cresceu. Antigamente, todos os bairros da região do subúrbio viviam em função de São Tomé, hoje ocorre exatamente o contrário. Serviços como correios e cartório foram transferidos para o bairro vizinho, Paripe, e ainda hoje a população se ressentida da falta deles. Até a praia de Inema, que já recebeu visita do Presidente Fernando Henrique Cardoso, é isolada pela Marinha. Desde então, além dos peixes, só quem tem direito a nadar em Inema são os militares residentes na base.



O bucolismo, que era a principal característica de cada rua, hoje não passa de uma imagem perdida no tempo

Qualidade de vida deixa muito a desejar

Apesar do bairro de São Tomé de Paripe ser considerado um paraíso por seus moradores, dificuldades não faltam por lá. A precariedade do nível de vida das pessoas salta a olhos vistos. Na Estrada da Base, que liga o bairro de Paripe ao antigo balneário, tem-se o primeiro contato com a falta de infraestrutura. O caminho, que leva nome de estrada, pode ser comparado perfeitamente com um queijo suíço dos mais esburacados. Quem se arrisca a transitar pelo local, precisa ter bastante paciência e perícia ao volante para evitar acidentes graves ou quebra da suspensão do automóvel.

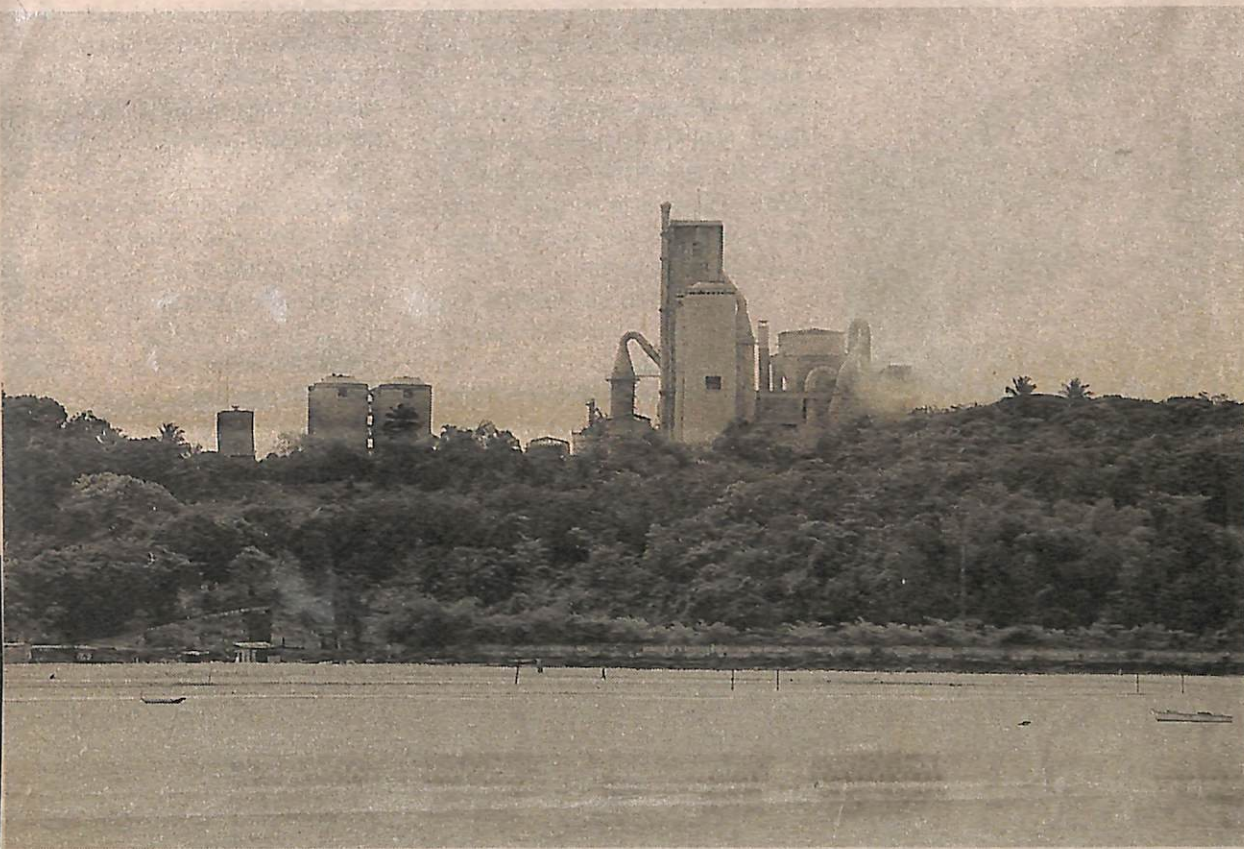
Chegando ao bairro, o que poderia ser uma praça de esportes e lazer, é um espaço aberto, sem asfalto, por onde os ônibus passam levantando uma nuvem

de poeira que incomoda as casas da vizinhança. Uma das reivindicações da Associação dos Moradores diz respeito exatamente à praça e outras ruas que necessitam de asfaltamento. Saneamento básico, escola, posto médico, transporte e ordenamento das barracas nas praias completam a lista de queixas apresentada pelos moradores de São Tomé.

Álvaro Silva Santos, presidente da associação, destaca a urgência da construção de um posto médico para o bairro. "Se ficar doente aqui, de madrugada, morre", observa, acrescentando que é necessário pedir carona a quem tem carro, mas a maioria das pessoas não quer gastar gasolina. O mesmo acontece com mulheres grávidas, que normalmente sentem as dores do parto durante a noite. Se ninguém der carona,

o bebê corre o risco de nascer em casa, como acontecia com os ancestrais indígenas, porque ônibus, não existe. "Às 11 da noite não circula mais nenhum", protesta Altino Arantes, da Câmara Distrital.

O esgoto fica a céu aberto, pondo em risco a saúde da população. O transporte é insuficiente. São 10 ônibus para a Lapa e cinco para a Pituba. Os moradores precisam, além do aumento da frota, de outra linha para a Ribeira, para que as crianças não precisem tomar quatro ônibus para ir para a escola, sem contar a travessia de lancha para São Tomé. Os estudantes das ilhas como Maré e Frade, têm enorme dificuldade por causa do transporte. Em compensação, assalto não existe. Desde que o Posto Policial foi instalado, há seis anos, a marginalidade diminuiu consideravelmente.



A praia, que já foi local de veraneio dos ricos, no final de semana é invadida por gente de todo lugar

Aos domingos o lugar vira um inferno

A convivência com a falta de estrutura parece não estimular os moradores a sair do que consideram um lugar como poucos no mundo. Eles não cansam de enumerar aspectos positivos. Alguns até pedem para que as belezas não sejam divulgadas, na clara intenção de evitar a ocupação desordenada da área. O pessoal de São Tomé de Paripe conseguiu uma façanha digna de causar inveja à maioria dos soteropolitanos, admiradora de uma boa praia: tem um mar enorme de frente para suas casas como se fosse propriedade particular. Ao contrário do que acontece com os habitantes da cidade grande, para ir à praia, não é necessário gastar dinheiro, ou conviver com os temidos "farofeiros". Isso, durante a semana, porque nos sábados, domingos e feriados ... sai de

A "galera" dos bairros vizinhos e de toda a Suburbana lota as areias. É tanta gente, tanto barulho e tanto incômodo, que os moradores preferem sair de lá ou ficar em casa curtindo o quintal ou um programa na TV. Nesses dias, ninguém tem sossego. As barracas colocam o som no mais alto volume. Tudo bem, se todas tocassem a mesma música, só que cada uma põe um estilo musical e passa a concorrer num bizarro campeonato para identificar quem consegue fazer um barulho maior. Dentro da água, a situação se repete. Segundo Altino Arantes, milhares de banhistas circulam pela praia a cada final de semana. "É tanta gente, que se todos mergulhassem ao mesmo tempo, correriam o risco de um bater a cabeça no outro embaixo d'á-

O que mais impressionou o médico Atanásio Júlio, ex-morador da Pituba, foi a tranquilidade do lugar, onde ainda se vê pescadores tecendo rede e pessoas tomando cachaca à uma da manhã, jogando conversa fora. O metalúrgico Jaime Bispo do Nascimento vive em São Tomé há 18 anos e já morou no Garcia. Ele diz ter a melhor impressão do bairro, que não trocaria por qualquer outro lugar na cidade. O ex-barraqueiro mudou de profissão por causa da falta de respeito dos vendedores com a ecologia. "Não quero impedir ninguém de ganhar seu pão, só que não se deve destruir o lugar de onde se tira o próprio sustento", protesta. Em todas as segundas, depois que o turbilhão de pessoas se dispersou, é que se vê o resultado da farra. Lixo es-

Moradores se queixam do isolamento em que vivem

Fábrica de cimento e até a presença de militares transformaram o bairro num ponto de difícil convivência

GIOVANNA CASTRO ♦ REPÓRTER

"De segunda a sábado, o bairro de São Tomé de Paripe é uma cidade do interior dentro da capital, aos domingos, vira cidade grande com tudo de ruim que isso possa trazer". A declaração do morador Atanásio Júlio reflete exatamente o perfil do bairro, que surgiu de uma fazenda pertencente à família do ex-vereador Benjamim de Souza, responsável inclusive pela construção do cais de São Tomé de Paripe, hoje invadido pelas barracas de praia, que prejudicam a paisagem, encobrindo a bela visão do mar. Com a instalação da Base Naval de Aratu, em 1945, o bairro se transformou num reduto de visitantes e moradores ricos, que apareciam para veranejar. Naquele tempo, a base oferecia segurança, assistência médica e educação à população.

Nos idos de 1524, franceses e holandeses habitavam a área, que servia como uma espécie de quartel general, protegendo a cidade de eventuais invasores. Naquela época, os colonizadores construíam igrejas no alto dos morros que

envolvem a região, com o objetivo de vigiar a chegada de inimigos nas imediações. A 2ª Guerra Mundial trouxe um período de pleno desenvolvimento para os habitantes do local. As praias não ficavam sujas e os banhistas podiam desfrutar das belezas do mar sem perigo de assaltos ou receio de poluição.

O bairro abrigou, e ainda acolhe, figuras ilustres que aproveitam a tranquilidade de São Tomé para descansar nos finais de semana, em belas e espaçosas mansões. O Diretor do Hospital das Clínicas, em meados da década de 30, João Batista Carybé, de família tradicional na cidade, possuía uma chácara ali. Conservam residências por lá, há mais de 10 anos, o vice-prefeito eleito Marcos Medrado, o deputado estadual Cristóvão Ferreira, o deputado federal Roberto Santos, além do ex-vice-governador Orlando Moscozo, falecido recentemente, que também aproveitava a beleza do lugar.

Álvaro Silva Santos, presidente da Associação de Moradores de São Tomé de Paripe, lembra que depois da saída do

peçoal rico, o bairro decaiu. Assim que a fábrica de cimento foi instalada no local, retirando calcário (matéria-prima para seu produto) do fundo do mar, a poluição se espalhou e, o que antes era ponto de encontro de reuniões da alta sociedade e local privilegiado para diversão e lazer dos mais abastados, passou a ser habitado por pessoas de baixa renda. "As áreas verdes viraram invasões", observa o Presidente da Câmara Distrital do Subúrbio, Altino Arantes, acrescentando que o lugar deveria ser mais bem aproveitado para receber turistas.

Na medida em que o bairro de São Tomé caiu, Paripe cresceu. Antigamente, todos os bairros da região do subúrbio viviam em função de São Tomé, hoje ocorre exatamente o contrário. Serviços como correios e cartório foram transferidos para o bairro vizinho, Paripe, e ainda hoje a população se ressentida da falta deles. Até a praia de Inema, que já recebeu visita do Presidente Fernando Henrique Cardoso, é isolada pela Marinha. Desde então, além dos peixes, só quem tem direito a nadar em Inema são os militares residentes na base.



O bucolismo, que era a principal característica de cada rua, hoje não passa de uma imagem perdida no tempo

Qualidade de vida deixa muito a desejar

Apesar do bairro de São Tomé de Paripe ser considerado um paraíso por seus moradores, dificuldades não faltam por lá. A precariedade do nível de vida das pessoas salta a olhos vistos. Na Estrada da Base, que liga o bairro de Paripe ao antigo balneário, tem-se o primeiro contato com a falta de infraestrutura. O caminho, que leva nome de estrada, pode ser comparado perfeitamente com um queijo suíço dos mais esburacados. Quem se arrisca a transitar pelo local, precisa ter bastante paciência e perícia ao volante para evitar acidentes graves ou quebra da suspensão do automóvel.

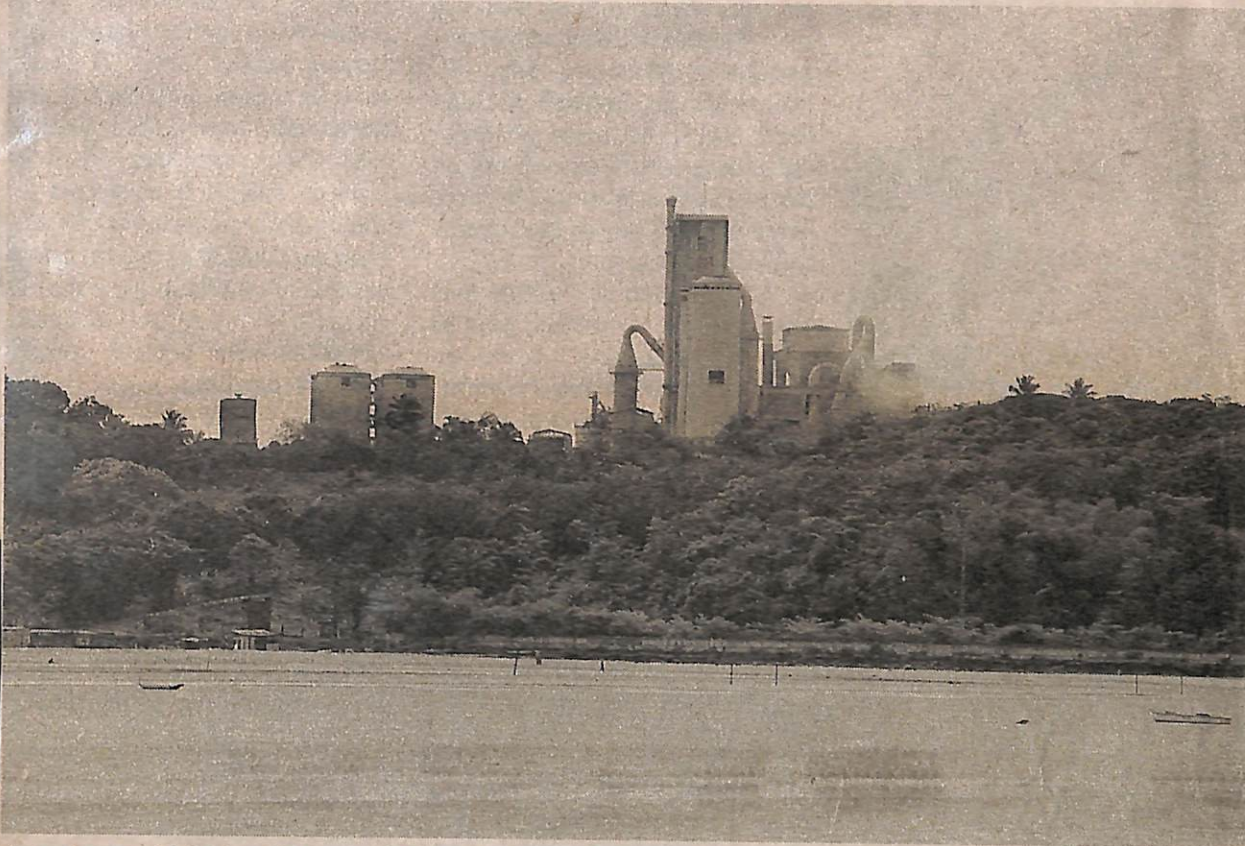
Chegando ao bairro, o que poderia ser uma praça de esportes e lazer, é um espaço aberto, sem asfalto, por onde os ônibus passam levantando uma nuvem

de poeira que incomoda as casas da vizinhança. Uma das reivindicações da Associação dos Moradores diz respeito exatamente à praça e outras ruas que necessitam de asfaltamento. Saneamento básico, escola, posto médico, transporte e ordenamento das barracas nas praias completam a lista de queixas apresentada pelos moradores de São Tomé.

Álvaro Silva Santos, presidente da associação, destaca a urgência da construção de um posto médico para o bairro. "Se ficar doente aqui, de madrugada, morre", observa, acrescentando que é necessário pedir carona a quem tem carro, mas a maioria das pessoas não quer gastar gasolina. O mesmo acontece com mulheres grávidas, que normalmente sentem as dores do parto durante a noite. Se ninguém der carona,

o bebê corre o risco de nascer em casa, como acontecia com os ancestrais indígenas, porque ônibus, não existe. "Às 11 da noite não circula mais nenhum", protesta Altino Arantes, da Câmara Distrital.

O esgoto fica a céu aberto, pondo em risco a saúde da população. O transporte é insuficiente. São 10 ônibus para a Lapa e cinco para a Pituba. Os moradores precisam, além do aumento da frota, de outra linha para a Ribeira, para que as crianças não precisem tomar quatro ônibus para ir para a escola, sem contar a travessia de lancha para São Tomé. Os estudantes das ilhas como Maré e Frade, têm enorme dificuldade por causa do transporte. Em compensação, assalto não existe. Desde que o Posto Policial foi instalado, há seis anos, a marginalidade diminuiu consideravelmente.



A praia, que já foi local de veraneio dos ricos, no final de semana é invadida por gente de todo lugar

Aos domingos o lugar vira um inferno

A convivência com a falta de estrutura parece não estimular os moradores a sair do que consideram um lugar como poucos no mundo. Eles não cansam de enumerar aspectos positivos. Alguns até pedem para que as belezas não sejam divulgadas, na clara intenção de evitar a ocupação desordenada da área. O pessoal de São Tomé de Paripe conseguiu uma façanha digna de causar inveja à maioria dos soteropolitanos, admiradora de uma boa praia: tem um mar enorme de frente para suas casas como se fosse propriedade particular. Ao contrário do que acontece com os habitantes da cidade grande, para ir à praia, não é necessário gastar dinheiro, ou conviver com os temidos "farozeiros". Isso, durante a semana, porque nos sábados, domingos e feriados ... sai de baixo!

A "galera" dos bairros vizinhos e de toda a Suburbana lota as areias. É tanta gente, tanto barulho e tanto incômodo, que os moradores preferem sair de lá ou ficar em casa curtindo o quintal ou um programa na TV. Nesses dias, ninguém tem sossego. As barracas colocam o som no mais alto volume. Tudo bem, se todas tocassem a mesma música, só que cada uma põe um estilo musical e passa a concorrer num bizarro campeonato para identificar quem consegue fazer um barulho maior. Dentro da água, a situação se repete. Segundo Altino Arantes, milhares de banhistas circulam pela praia a cada final de semana. "É tanta gente, que se todos mergulhassem ao mesmo tempo, correriam o risco de um bater a cabeça no outro embaixo d'água", exagera.

O que mais impressionou o médico Atanásio Júlio, ex-morador da Pituba, foi a tranquilidade do lugar, onde ainda se vê pescadores tecendo rede e pessoas tomando cachaça à uma da manhã, jogando conversa fora. O metalúrgico Jaime Bispo do Nascimento vive em São Tomé há 18 anos e já morou no Garcia. Ele diz ter a melhor impressão do bairro, que não trocaria por qualquer outro lugar na cidade. O ex-barraqueiro mudou de profissão por causa da falta de respeito dos vendedores com a ecologia. "Não quero impedir ninguém de ganhar seu pão, só que não se deve destruir o lugar de onde se tira o próprio sustento", protesta. Em todas as segundas, depois que o turbilhão de pessoas se dispersou, é que se vê o resultado da farra. Lixo espalhado por todos os lados.